

**As relações e funções entre verbal e visual na obra *A margarida friorenta*, de
Fernanda Lopes de Almeida**

***The relationships and functions between verbal and visual in the work A
margarida friarenta, by Fernanda Lopes de Almeida***

Jocília Oliveira da Silva¹

Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina²

Ruth Ferreira Bezerra³

Resumo: A obra *A margarida friorenta* de Fernanda Lopes de Almeida, com ilustrações de Lila Figueiredo, usa o frio como metáfora para solidão, necessidade de companhia e afeto como tradução de um sentimento de empatia. Considerando a configuração verbal e visual da obra, este artigo objetiva analisar como a temática que perpassa a narrativa se revela por meio das relações e funções entre verbal visual. Por essa via de investigação, este estudo dá visibilidade aos elementos que se sobressaem na apreensão dos sentidos resultantes do diálogo entre texto e imagem na obra. Como base de fundamentação teórica serão empregadas as concepções de Linden (2018), Ribeiro (2008) e Fittipaldi (2008). Em seus elementos constitutivos, verbal e visual em *A margarida friorenta* desvela uma relação de afeto em empatia entre as personagens, suscitando, com ludicidade, uma apreensão dinâmica e significativa do leitor.

Palavras-chaves: Ilustrações; Funções; Texto; Relações.

Abstract: The work *A margarida friarenta* by Fernanda Lopes de Almeida, with illustrations by Lila Figueiredo, uses the cold as a metaphor for loneliness, the need for company and affection as a translation of a feeling of empathy. Considering the verbal and visual configuration of the work, this article aims to analyze how the theme that permeates the narrative is revealed through the relationships and functions between verbal and visual. Through this route of investigation, this study gives visibility to the elements that stand out in the apprehension of the meanings resulting from the dialogue between text and image in the work. As a theoretical basis, the concepts of Linden (2018), Ribeiro (2008) and Fittipaldi (2008) will be used. In its constitutive elements, verbal and visual, *A margarida friarenta* reveals a relationship of affection and empathy between the characters, playfully eliciting a dynamic and significant apprehension from the reader.

Keywords: Illustrations; Functions; Text; Relations.

¹Discente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (PPGMEL) da Universidade Federal de Rondônia. E-mail é jociliaolivira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5529-6309>.

² Docente da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: fatima.molina@unir.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8193-3088>.

³ Discente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (PPGMEL) da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: rwthbezerra@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4565-4712>.

Introdução

A análise das relações e funções entre o texto verbal e as ilustrações na obra *A margarida friorenta* (2016), proposta por este artigo, encontra ancoragem no viés teórico dos aspectos narrativos concentrados na relação entre o texto e a imagem, segundo a concepção de Sophie Van der Linden, postulada na obra *Para ler o livro ilustrado* (2018). A possibilidade para o alinhamento dessa perspectiva teórica à análise da obra se viabiliza pelo diálogo entre verbal e visual, por meio das diferentes relações e funções que esses enunciados instauram entre si na tessitura narrativa. Considerando esse pressuposto, para além da ideia de ornamentação ou simples apoio, o enlace entre texto e imagem é gerador de um produtivo diálogo de onde emergem relações e funções inerentes à combinação dessas duas linguagens na composição temática da obra.

O objeto selecionado como fonte de reflexão para este estudo é a obra *A margarida friorenta* (2008), escrita por Fernanda Lopes de Almeida e ilustrada por Lila Figueiredo. Na dimensão estética dos enunciados verbal e visual, a história contada evoca a construção de um imaginário do universo infantil por meio da atuação das personagens e dos elementos convocados para a composição do cenário da obra. Protagonizada por uma margarida, a história se desenvolve a partir dos vínculos de afeto e amizade que se estabelecem entre uma flor, uma menina, um cachorro e uma borboleta. A metáfora do frio na representação da carência, do afeto e do abandono é o fio condutor da tessitura narrativa que se constitui nas relações e funções expressas pelo texto e pela imagem. Na colaboração mútua desses enunciados, os sentidos que perpassam verbal e visual se enriquecem e se complementam em consonância com a proposta enunciativa da obra.

Tais aspectos revestem-se da leveza poética das palavras e da intensidade das imagens que perpassam todo o espaço de atuação das personagens, emoldurado pelo universo fabuloso da fantasia. Dessa forma, a rede de significados tecida com os fios do verbal e do visual estimula uma dinâmica atuação do leitor na identificação de possíveis aberturas a serem preenchidas pela via da imaginação.

Em consonância com essa perspectiva, o aporte teórico adotado vele-se dos estudos realizados por Sophie Van der Linden (2018) acerca das relações entre texto e imagem e as funções que podem cumprir como enunciados que sempre consideram a presença do outro. As

concepções de Ribeiro (2008) e Fittipaldi (2008), entre outros que aprofundam as investigações sobre a leitura de imagens e qualidades estilísticas do texto e das ilustrações, aprofundam a base conceitual da análise.

1 As relações de redundância e colaboração entre texto e imagem na obra

A obra *A margarida friorenta* narra a história de uma margarida que estava tremendo de frio no jardim de uma casa, quando uma borboleta Azul passa, fica sensibilizada com a situação e informa o estado da Margarida para a menina Ana Maria que, por sua vez, tem a ideia de trazê-la para seu quarto. É o cachorro Moleque quem faz o transporte da Margarida que, mesmo no ambiente fechado e acolhedor do quarto, continua tremendo de frio. Após várias tentativas frustradas para aquecê-la, Ana Maria tem a ideia de beijá-la, cessando, finalmente, o frio. É importante salientar a simbologia que envolve o beijo. Se nos contos de fada, o beijo é capaz de desfazer o feitiço de uma bruxa, em *A margarida friorenta* esse gesto de carinho foi a solução para o problema que afligia a Margarida, acabando com o frio de uma noite solitária.

Engendrada nessa tessitura, a temática do afeto se materializa no trabalho coletivo das personagens que inicia com iniciativa da borboleta, seguida do auxílio do cachorro, que faz o transporte da Margarida e finaliza com o cuidado e afeto da menina Ana Maria, que acolhe e soluciona o problema. Portanto, embora apareça na trama após a atuação inicial de outros personagens, é para a atuação da menina Ana Maria que converge o desenrolar da narrativa.

O breve resumo do enredo revela tratar-se de uma história simples, com características de uma fábula. Nesse alinhamento, animais e plantas possuem características tipicamente humanas, suscitando a fantasia, o lúdico e o humor. Ao evocar a presença dessas características nos primórdios da literatura, Nelly Novaes Coelho afirma:

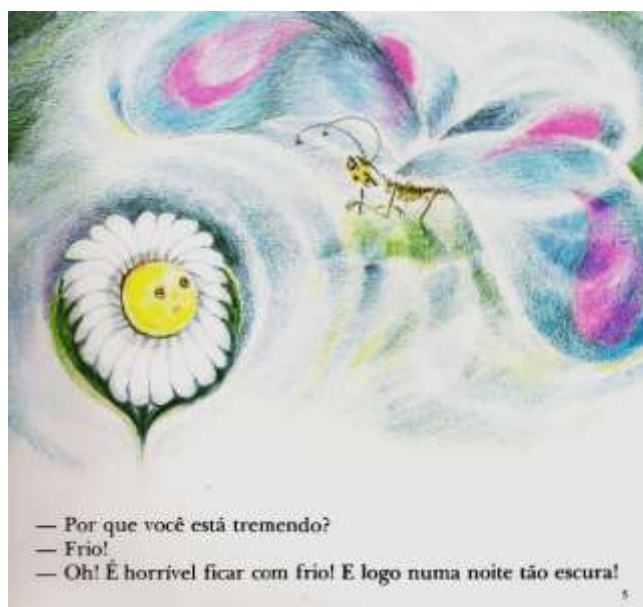
A essa fase mágica, e já revelando preocupação crítica com a Realidade ao nível das relações humanas, correspondem as fábulas. Nestas, a imaginação representa, em *figuras de animais*, os vícios e virtudes que eram característicos dos homens. Compreende-se, pois, por que esta literatura arcaica acabou se transformando em Literatura infantil a *natureza mágica* de sua matéria atraindo espontaneamente as crianças. (COELHO, 1997, p. 49).

A presença dessa magia atravessa todo o percurso das personagens, revelando-se nas formas e nas cores do enunciado visual que compõem a obra. O aspecto das imagens

assemelha-se à técnica de pontilhismo, com cores que se revelam em um tom degradê. Assim, a prioridade não é a nitidez da delimitação das formas, mas a escolha pela coloração das imagens, com muitas cores espalhadas nas páginas, uma possível alusão à infância emoldurada na obra.

Com essa configuração, a composição texto e imagem na obra *A margarida friorenta* é predominantemente constituída por uma transmissão idêntica de informações entre os elementos constitutivos do verbal e do visual. Contudo, mesmo na proximidade que se estabelece entre os códigos, o texto não se apresenta como a única via de acesso à história. Os elementos convocados para a composição das ilustrações associados à sutileza dos traços e a intensidade das cores atraem o olhar do leitor para uma leitura complementar do verbal:

Figura 1 – O encontro



Fonte: (ALMEIDA; FIGUEIREDO, 2008).

Na passagem, o enunciado verbal narra o momento do encontro entre a Margarida e a borboleta azul. Nesse primeiro encontro, é revelado o sofrimento da flor exposta ao intenso frio da noite. Por meio do texto, o leitor tem conhecimento da condição da personagem principal e da atitude responsiva de empatia da borboleta. Todavia, a aflição sentida ganha expressão no olhar de apelo da Margarida direcionado à borboleta. Com esse recurso, a ilustração também narra e convoca o leitor para a apreensão das nuances temáticas da obra

que se intensificam por meio de elementos inerentes à imagem. Uma possível via de associação com o pensamento de Fittipaldi (2008) se evidencia pelo princípio da natureza narrativa da imagem: “Toda imagem tem alguma história para contar. Essa é a natureza narrativa da imagem. Suas figurações e até mesmo formas abstratas abrem espaço para o pensamento elaborar, fabular e fantasiar” (FITTIPALDI, 2008, p. 103). Na passagem, o processo de fabular desencadeado pela imagem não se instaura de forma dissociada do verbal, mas complementar, reiterando aspectos sugeridos pelas palavras.

O produtivo diálogo entre os enunciados na obra é resultante das relações que texto e imagem estabelecem na construção dos significados da narrativa. Segundo Linden (2018), essas relações podem ser de redundância, de colaboração e de disjunção. Trata-se de relações que desvelam diferentes caminhos por onde se instauram diálogos perpassados pela repetição, pela complementação ou, ainda, pela contradição. Contudo, na análise empreendida por este estudo, o foco de investigação volta-se para as relações de redundância e colaboração que predominam na composição dos enunciados da obra.

Com vistas a atender a proposição desta análise, importa considerar no desdobramento dessas relações que a redundância pode ser total ou parcial. Quando a relação de redundância é total, prevalece um estado de isotopia narrativa, de forma que “nada no texto ou na imagem vai além do outro” (LINDEN, 2018, p. 120). No diálogo do verbal com o visual há uma sobreposição total dos conteúdos, impedindo assim, a produção de um sentido suplementar. Por sua vez, na sobreposição parcial, “uma das duas vozes narrativas pode ser amplamente dominante sem que a outra contrarie seu desenvolvimento” (LINDEN, 2018, p. 120). Na redundância parcial, embora haja a congruência do discurso, um se sobressai em relação ao outro, seja por meio da leveza ou intensidade dos traços e das cores que constituem a imagem, ou das camadas de significados que revestem as palavras. Na passagem ilustrada a seguir, a redundância é total, pois texto e imagem expressam a mesma mensagem:

Figura 2 – O cuidado



Fonte: (ALMEIDA; FIGUEIREDO, 2008).

Na cena, a narrativa pode ser sustentada tanto pelo enunciado verbal quanto pelo visual, pois texto e imagem expressam as mesmas informações com recursos distintos. Corroborando o perfil dessa relação, Linden afirma que “a noção de redundância constitui uma espécie de grau zero da relação do texto e da imagem, que não produz nenhum sentido suplementar (LINDEN, 2018, p. 120). Os elementos e as cores limitam-se à composição do cenário sem atribuir nenhuma intensidade aos sentidos expressos pelas palavras, fazendo com que a apreensão ocorra por uma via linear, sem sobressaltos ou incursões no processo de leitura. Sobre o caráter repetitivo da linguagem, Salisbury e Styles avaliam que “é fácil para aguçar a imaginação das crianças, o que é um fator importante nos estágios iniciais de leitura. A arte é delicadamente tradicional, e o efeito geral deixa um brilho suave e reconfortante” (SALISBURY e STYLES, 2013, p. 93). Trata-se, portanto, de um aspecto positivo a ser analisado a partir dos efeitos que produzem na composição do todo da obra.

Quando na interação entre texto e imagem ocorre uma relação de colaboração, a ideia dominante é a de que “textos e imagens trabalham em conjunto em vista de um sentido comum. Articulados, textos e imagens constroem um discurso único” (LINDEN, 2018, p. 121). Em consonância com o um estado de colaboração, o sentido não se vincula ao texto ou à imagem de forma dissociada, mas se constitui na relação entre os dois. Identificar essa

relação pressupõe reconhecer o que se sobressai como força estética e o que se omite na manifestação de cada enunciado:

Figura 3 – O socorro



— Então já sei o remédio. É trazer a Margarida pro meu quarto!

Fonte: (ALMEIDA; FIGUEIREDO, 2008).

Na construção de um discurso único, texto e imagem dão visibilidade à ideia de iniciativa, ou seja, à decisão de Ana Maria em socorrer a Margarida. O instante captado pela imagem é de ação, cuja foco é o socorro imediato expresso pelo verbal. Para a compreensão do todo, texto e imagem colaboram de forma que o sentido de socorro não se concentra unicamente no texto ou na ilustração, mas emerge da colaboração dos dois enunciados. Opondo-se à ideia de dissociação, Fittipaldi (2008, p. 105) esclarece que a ilustração não está impressa para substituir o texto: “A imagem narrativa, ao bem ilustrar um texto literário, não se perde na pretensão de superar o texto, mas se adere a ele com a intenção de colaborar na sua percepção, amplificar suas vozes”. Nessa ampliação de vozes, os elementos agregados, com suas especificidades constitutivas, atuam na perspectiva de enriquecer, construir e reconstruir os significados no ato de apreensão da obra.

Na cena ilustrada, a expressão do tempo se materializa na noção do instante movimento, voltada para “captar a essência de uma ação [...] para aumentar a força sugestiva da imagem” (LINDEN, 2018, p. 104). A proposta é sugerir o movimento da personagem

diante da notícia trazida pela borboleta sobre o estado da Margarida. Trata-se de um recurso que pode ser interpretado como uma estratégia alinhada à temática na obra, a partir do sentimento de amizade e empatia que perpassa a ação das personagens no enredo.

2 As possíveis funções do texto e da imagem

Nessas articulações entre enunciados, além de relações, texto e imagem também exercem funções de repetição, seleção, revelação, contraponto, amplificação e função completiva. Em suas especificidades, tais funções indicam o enunciado predominante na condução da história, ou seja, se os sentidos da narrativa se intensificam, principalmente, por meio do texto ou da imagem, ou, ainda, de forma colaborativa pelas duas linguagens.

A função de repetição ocorre quando “a mensagem veiculada pela instância secundária pode apenas repetir, em outra linguagem, a mensagem veiculada pela instância prioritária. A leitura da segunda mensagem não traz então nenhuma informação suplementar” (LINDEN, 2018, p. 123). De acordo com essa classificação, trata-se de uma função que remete à redundância de informações, pois a impressão é a de se estar lendo a mesma mensagem, porém através de diferentes recursos.

Figura 4 – A recompensa



Fonte: (ALMEIDA; FIGUEIREDO, 2008).

Na passagem, a função do texto em relação à imagem evidencia a repetição da mensagem visual pela verbal nos detalhes descritivos da ação. No gesto de recompensar o cachorro Moleque por ter atendido ao pelo de retirar a Margarida do frio, a personagem comunica gratidão e amizade, sentimentos que perpassam verbal e visual na tessitura narrativa. Contrariando o entendimento de que essa função é desinteressante, Linden (2018) acrescenta que além do conforto, a repetição instaura um ritmo de leitura semelhante ao que se instaura na relação de redundância.

A repetição entre texto e imagem é a característica que predomina nos livros com ilustrações, ou seja, “obras que apresentam um texto acompanhado de ilustrações. O texto é espacialmente predominante e autônomo do ponto de vista do sentido” (LINDEN, 2018, p. 24). Logo, a questão da autonomia entre texto e ilustrações é o fator preponderante na diferenciação entre um livro ilustrado e um livro com ilustrações. Todavia, na leitura do livro infantojuvenil, a proposta é ultrapassar os limites dessa identificação, pois, conforme orienta Camargo (2023) “o leitor não deve buscar apenas equivalências entre texto e ilustrações, mas uma relação dialógica – portanto, mutuamente enriquecedora –, pois os sentidos do texto se projetam sobre as ilustrações e vice-versa”. (CAMARGO, 2023). A produção de sentidos, portanto, emerge da convergência ou das diferentes relações e funções que se instauram entre verbal e visual no livro infantojuvenil.

Se na repetição a mesma mensagem é lida de outra maneira, na seleção, o texto cumpre a função de “mencionar apenas alguns elementos específicos de uma imagem”. Em contrapartida, “a imagem pode se concentrar em um aspecto, um ponto de vista preciso da narrativa” (LINDEN, 2018, p. 123). Portanto, no ato de selecionar, texto e imagem trabalham com a ideia de ancoragem do sentido sobre elementos para os quais se tensionam os rumos da narrativa:

Figura 5 – O olhar



Fonte: (ALMEIDA; FIGUEIREDO, 2008).

A ancoragem dos sentidos está centrada nos traços expressivos de Ana Maria, no olhar de tristeza ao ver o sofrimento da Margarida, mas também de preocupação, pois acreditava ser suficiente trazê-la para dentro do seu quarto. É a partir dessa percepção, quando Ana Maria reconhece a permanência do frio, que a narrativa toma novos rumos, no sentido de revelar as buscas da menina para solucionar o problema que tanto afligia a indefesa flor. Ao avaliar a atuação das imagens na obra infantojuvenil, Beatriz Feres pontua que

é inegável a contribuição da ilustração para o desenvolvimento não só do repertório imagético-representacional do leitor, mas também de sua capacidade perceptivo-afetiva, [...] em virtude da capacidade implicadora de temas e valores que a imagem demonstra (FERES, 2020, p. 168).

Em consonância com a temática da obra, suscitar essa capacidade é um traço recorrente nas ilustrações que comunicam, complementam e enriquecem o texto verbal em *A margarida friorenta*. Como o olhar da menina projetado para a Margarida, no decorrer da narrativa, as ilustrações trazem detalhes que não se encontram no texto, mas que reforçam a compreensão da história e o envolvimento do leitor com o dilema encenado.

Na função completiva, a intervenção ocorre no sentido de determinar a ação do conjunto. A tarefa a ser cumprida é a de uma expressão completar a outra, pois “fornece informações que lhe faltam, preenche suas lacunas ou ‘brancos’, constituindo um aporte indispensável para a compreensão do conjunto” (LINDEN, 2018, p. 124). Desse diálogo resulta um eficiente trabalho de colaboração entre o verbal e o visual na sequência narrativa:

Figura 7 – O sonho



Fonte: (ALMEIDA; FIGUEIREDO, 2008).

O universo onírico ganha materialização nos elementos convocados para composição da imagem completando, assim, a mensagem emitida pelo texto. Na representação do sonho de Ana Maria, a ilustração das miniaturas de anjos travessos ocupa os espaços sequenciados das páginas. Nessa composição, é possível identificar a invasão de elementos do onírico para o plano real, indicando que não há fronteiras no universo conduzido pela imaginação. Isso se materializa na imagem de um anjinho olhando atentamente para a Margarida, como se tivesse comovido com o olhar de sofrimento da flor. Em direção a esse entendimento, a concepção de Ribeiro (2008) aponta para a inerente relação que há na obra infantojuvenil entre as ilustrações e as palavras:

A imagem arrebatava o espectador de imediato, um impacto que posteriormente, pode ser compreendido e lentamente observado, tendo em vista a pluralidade de seus elementos. Mas, no que se refere à comunicação, ela pode significar tanto quanto um gesto ou uma frase, pois a imagem

também é uma fala e conseqüentemente, uma mensagem. (RIBEIRO, 2008, p. 125).

Nas palavras do autor, a ênfase dada à capacidade que verbal e visual têm de um complementar, reforçar, ampliar ou trazer novos aspectos ao outro, vai ao encontro da função de amplificação. No exercício dessa função, o diálogo entre texto e imagem ocorre no sentido de um enunciado poder “dizer mais que o outro sem contradizê-lo ou repeti-lo” (LINDEN, 2018, p. 125). A ideia de amplificação, remete à possibilidade de um enunciado estender sua compreensão convocando para si um discurso complementar, enriquecendo sua interpretação.

Na esteira do percurso teórico trilhado por esta análise, a proposta de identificar a capacidade do texto e da imagem expressarem os sentidos que estruturam o projeto narrativo deve ultrapassar uma análise que reduz toda a dimensão estética da obra para a identificação dos elementos constitutivos de cada enunciado. Contrariando esses limites, o caminho é projetar o olhar para os níveis de significação gerados no diálogo entre verbal e visual. Nesse sentido, a autora adverte que a apresentação de cada função “não deve nos fazer supor que sejam unilaterais ou compartimentadas. Muitas vezes, texto e imagem cumprem simultaneamente, um em relação ao outro, uma função – distinta – que se realiza no percurso da leitura” (LINDEN, 2018, p. 126). Portanto, o que ganha especial relevância é a atuação dialógica entre texto e ilustração, pois mesmo diante de uma relação de disjunção há de se considerar que um enunciado sempre se posiciona em relação ao outro.

Considerações finais

No engendramento poético entre texto e imagem na obra *A margarida friorenta*, as palavras, as cores e a forma das ilustrações intensificam o diálogo de onde emergem relações de redundância e colaboração da imagem em relação ao texto e as funções de repetição, seleção, revelação e função completiva do verbal em relação ao visual.

Na materialização dessas relações e funções, diferentes recursos foram convocados, a fim de produzir os efeitos responsáveis pela proposta enunciativa da obra. Como elemento integrante desse diálogo, as imagens aderiram à estratégia de instaurar uma relação de redundância por provocarem uma certa congruência com os sentidos suscitados pelo verbal. Todavia, de um modo geral, texto e imagem participam de um diálogo colaborativo na condução da narrativa. O perfil desse diálogo se intensifica à medida que a imagem cumpre o

papel de preencher as lacunas deixadas pelo verbal, produzindo, assim, uma relação de colaboração entre os enunciados.

É na esteira desse entrelaçamento teórico alicerçado nas relações e funções do texto e da imagem que se estrutura a análise proposta. Por essas vias de apreensão é possível identificar como se revelam as relações entre os enunciados verbal e visual na obra *A margarida friorenta*, problematizando os sentidos que emergem dos diálogos de redundância e colaboração entre o texto e as ilustrações, bem como as funções de repetição, seleção, revelação e função completiva que texto e imagem assumem na condução da narrativa.

Referências

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A margarida friorenta**. 25. ed. São Paulo: Ática, 2008.

CAMARGO, Luís. Ilustração em livros de literatura infantil. **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: Teoria, análise, didática. 6. ed. São Paulo: Editora ática, 1997.

FERES, Beatriz dos Santos. O que pode a imagem na literatura infantil? Aspectos semiodiscursivos da relação verbo-visual em livros destinados à infância. *In*: MICHELI, Regina; LIMA, Elen Pereira; GARCIA, Flávio (Org.). **A literatura infantil/juvenil entre textos e leitores**: reflexões críticas e práticas leitoras. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020, p. 168

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa? *In*: OLIVEIRA, Ieda (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: SESI-SP, 2018.

RIBEIRO, Marcelo. A relação entre o texto e a imagem. *In*: OLIVEIRA, Ieda (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Livro infantil ilustrado**: a arte da narrativa visual. São Paulo, SP: Rosari, 2013.